

## O poeta e a cidade: Hannah Arendt e a função política da poesia

*The poet and the city: Hannah Arendt and the political function of poetry*

Natália Tavares Campos<sup>1</sup>

**Resumo:** Hannah Arendt recorre, por vezes, em sua obra, aos poetas, buscando encontrar em seus versos uma expressão aproximada do que acontecera entre os homens no mundo que estes têm em comum. Apresentando-os como aqueles aos quais caberia manter e cuidar do “depósito da memória”, a autora parecia estar convencida de que competia a estes “fazedores de linguagem” conservar, fazer perdurar na recordação tudo aquilo que deve sua existência exclusivamente aos homens, revelando, neste mesmo movimento, o seu significado e ensinando-lhes, ainda, “a aceitação das coisas tais como são”. Preservação e revelação que seriam possíveis precisamente por sua transformação em linguagem. Explorando, assim, o papel central da linguagem no laço estreito que vincularia, para Arendt, pensamento e experiência, pretendo, neste artigo, refletir acerca da possível “função política” que o poeta – ainda que ocupando uma posição exterior ao âmbito político, às relações de poder – desempenharia, na perspectiva arendtiana, na cidade.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt. Poeta. Cidade. Linguagem. Memória.

**Abstract:** Hannah Arendt occasionally turns to poets in her work, seeking to find in their verses an approximate expression of what transpired among humans in the world they share. Presenting them as those who should maintain and care for the “repository of memory” the author seemed convinced that it was the task of these “language-makers” to preserve everything that owes its existence solely to humans, thus revealing its meaning and teaching them “the acceptance of things as they are”. Preservation and revelation that would be possible precisely through their transformation into language. Exploring, thus, the central role of language in the close bond that, for Arendt, linked thought and experience, I intend, in this article, to reflect on the possible ‘political function’ that the poet - even though occupying an external position to the political sphere, to power relations - would play, from the Arendtian perspective, in the city.

**Keywords:** Hannah Arendt. Poet. City. Language. Memory.

### Introdução

Ao nos debruçarmos sobre os escritos arendtianos, facilmente nos deparamos com alguma referência a poetas como Homero, Sófocles, Virgílio,

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: natalia.tavares@gmail.com.

Goethe, René Char, entre tantos outros. Tudo se passa como se os cantos ou versos destes “nomeadores” ou “fazedores de linguagem” – servindo-me aqui de duas expressões cunhadas por Emerson, às quais Arendt fizera referência em certa ocasião<sup>2</sup> – exprimissem, de uma maneira bastante singular, algo próprio à experiência dos homens no mundo. Estes cantos e versos pareciam, assim, de alguma maneira, alimentar o seu pensar, aproximando-o, eventualmente, do objetivo que dera vida ao seu movimento intelectual, qual seja, “compreender o que quer que aconteça” (Arendt, 2010, p. 125). Recorrendo, portanto, por vezes, aos poetas para traduzir, ou ainda, para encontrar uma expressão ou “articulação aproximada” (Arendt, 2006b, p. 272) do que acontecera entre os homens no mundo que estes têm em comum, a autora parecia estar convencida de que havia nas palavras eternizadas em cada poema de que se servira algo deste mundo, do que nele se realizara, algo que de outro modo poderia ter se perdido, ter sido esquecido, como se nunca tivesse, de fato, existido. Justamente este recurso reiterado – que se mostrara, em diversos momentos de sua obra, tão profícuo – me leva à pergunta acerca da possível existência de uma função desempenhada pelos poetas, para Arendt, na cidade; uma espécie de função política, ou, para dizer de modo mais preciso, uma *função de relevância política*<sup>3</sup> desempenhada por estes homens cujo ofício os leva a viver sempre às voltas com as palavras, com a própria linguagem.

Tomando, assim, essa pergunta como ponto de partida e como fio condutor, creio que a primeira pista capaz de apontar, de algum modo, a direção a ser seguida, na tentativa de começar a pavimentar um caminho para a reflexão proposta, pode ser encontrada em uma bela passagem do livro escrito por Arendt sobre a vida de Rahel Varnhagen. Na passagem em questão, a autora, referindo-se ao modo peculiar como a poesia se serve da linguagem – não como um meio para comunicar um conteúdo específico, mas “convertendo-a novamente em sua substância original” (Arendt, 1974, p. 114) –,

---

<sup>2</sup> Refiro-me aqui ao discurso de agradecimento proferido por Arendt ao receber a Medalha Emerson-Thoreau. O discurso se encontra publicado, na íntegra, em: ARENDT, H. *Pensar sem corrimão: 1953-1975*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021, pp. 453-455.

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Arendt na parte final de seu ensaio sobre verdade e política em: ARENDT, H. *Between past and future*. New York: Penguin Books, 2006, p. 258.

afirma que: “A função da linguagem é a preservação; o que ela incorpora deve permanecer mais tempo do que jamais seria possível para seres humanos efêmeros” (Arendt, 1974, pp. 114-115). Na linguagem permaneceria, subsistiria, portanto, algo do passado, algo do próprio mundo no qual, a partir de uma experiência específica, esta linguagem fora forjada. Como uma espécie de receptáculo, ela guardaria, em si, resíduos deste passado e deste mundo, os quais, por sua vez, como fragmentos sedimentados, permaneceriam, de alguma forma, ao abrigo do esquecimento.

Não deve escapar ao leitor que, nas linhas aqui reproduzidas, mais do que sublinhar a evidente relação entre poesia e linguagem, Arendt coloca em primeiro plano a notável capacidade desta última de preservar aquilo que incorpora. Capacidade que encontraria, por sua vez, em grande medida, na poesia sua expressão ou manifestação privilegiada, tendo em vista o modo único, singular, próprio a esta de se servir, de “moldar”, por assim dizer, sua “matéria-prima” – a própria linguagem –, “convertendo-a novamente em sua substância original”. Em outras palavras, poderíamos dizer que o que nossa autora parece, de algum modo, sugerir é que se queremos compreender a possível relação existente entre a poesia e a política, entre o poeta e a cidade, é precisamente para a linguagem e seu potencial conservador que devemos nos voltar. Vejamos, então, onde esta primeira pista pode nos levar.

### **Linguagem, memória e significado**

Seguindo o caminho apontado por Arendt, gostaria, antes de mais nada, de chamar a atenção para uma anotação feita pela autora em um de seus cadernos de pensamento, em julho de 1968, na qual, fazendo referência a uma formulação de Wilhelm von Humboldt, acerca da relação entre o “som articulado” e o pensamento<sup>4</sup>, e à sétima elegia, de Rainer Maria Rilke, ela

<sup>4</sup> “The articulated sound, the foundation and essence of all speech, is extorted by man from his physical organs through an impulse of his soul; and the animal would be able to do likewise, if it were animated by the same urge. Already in its first and most indispensable elements, language is so utterly and exclusively rooted in man's spiritual nature, that its permeation is sufficient, though necessary, to transform the animal sound into the articulated one. For the intent and

registrara o que compreendia então ser a dupla função da linguagem: “fazer aparecer o interior, e aparecer de forma articulada, não como simples expressão, como no grito; e transformar o que é externamente visível em algo invisível, interno (Rilke), ‘a transformação do mundo em linguagem’” (Arendt, 2018, p. 671). Na linguagem, o pensamento poderia, desse modo, segundo a autora, aparecer, se articular. Ao mesmo tempo, o mundo poderia se conservar, perdurar, poderia ser novamente “erigido” internamente, onde seria, em alguma medida, poupado da ação implacável e inescapável do tempo. O que não é senão outra maneira de dizer que pela via da linguagem, isto é, pela transformação daquilo que apareceu, que se fez e que aconteceu entre os homens em linguagem, seria possível, em certo sentido, “salvar o mundo” (Grosholz, 2020, p. 39), armazená-lo, em alguma medida, no “depósito da memória” (Arendt, 2006b, p. 272). Depósito que, como Arendt nos diz em *Sobre a revolução*, é mantido e cuidado pelos poetas, por aqueles “cuja tarefa é encontrar e criar as palavras com que vivemos” (Arendt, 2006b, p. 272) e, assim, como afirmara a autora em seu ensaio sobre o conceito de história, fazer perdurar na recordação aquelas “coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens” (Arendt, 2006a, p. 44).

Uma tarefa ou movimento que se encontraria, ainda, é importante destacar, estreitamente relacionada à possibilidade da revelação do significado das ações nas quais se engajam os homens no mundo – ações que são, por definição, absolutamente irreduzíveis às intenções daqueles que as realizam – e dos eventos que marcam a sua vida em comum. Para melhor compreendermos este ponto, parece-me válido, contudo, recuperar brevemente um argumento que Arendt desenvolve em “A vida do espírito”, a partir do relato de um poema perdido de Píndaro. No poema em questão, encontraríamos a descrição do

---

capacity to signify, and not just in general, but specifically by presentation of a thought, is the only thing that constitutes the articulated sound, and nothing else can be stated to describe its difference from the animal cry, on the one hand, and the musical tone on the other”. HUMBOLDT, W. F. von. On language: the diversity of human language-structure and its influence on the mental development of mankind. Trad. Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. Arendt destaca precisamente a noção segundo a qual o som seria entendido como a encarnação do pensamento, como a sua entrada no “reino sensível”, o que significaria, nos termos empregados pela autora em seu registro, que “o pensamento é articulado na linguagem”.

banquete de casamento de Zeus, durante o qual este teria perguntado aos demais deuses reunidos se faltava ainda algo à sua alegre bem-aventurança. Ao que estes teriam, por sua vez, respondido com uma súplica para que Zeus criasse seres divinos que soubessem como embelezar suas grandes obras “com palavras e música” (Arendt, 1978, p. 132). Estes seres divinos a que Píndaro se refere seriam justamente, a autora nos diz, “os poetas e os bardos, que ajudavam os homens a alcançarem a imortalidade, pois ‘a história das coisas feitas sobrevive aos atos’ e ‘o que é dito torna-se imortal, se foi bem dito’” (Arendt, 1978, p. 132)<sup>5</sup>.

Caberia a estes novos seres dotados de qualidades divinas, em outras palavras, conceder aos atores, àqueles que realizavam grandes feitos e proferiam belos discursos, o louvor e a glória sem os quais nenhum tipo de imortalidade ou permanência seria possível a homens que, embora capazes de demonstrar sua grandeza, de dar provas da “qualidade emergente e brilhante” (Arendt, 2006a, p. 47) de seus atos e palavras, eram irremediavelmente mortais, tanto quanto seus feitos, por maiores e mais belos que fossem, eram inegavelmente fúteis, incapazes, em si mesmos, de escapar à fugacidade do instante. Ora, o que Píndaro parece traduzir neste fragmento, como esclarece Bruno Snell, citado por Arendt em sua obra póstuma, é precisamente “o que a poesia significa para o mundo”<sup>6</sup> (Snell, 1953, p. 77). De acordo com o autor, o pressuposto nos versos recuperados seria precisamente “o de que todos os deuses, exceto, claro, aqueles cuja criação era requerida, já existiam, e que o mundo havia atingido, então, o seu estado final de beleza e ordem” (Snell, 1953, p. 76-77). Tratava-se, contudo, de um mundo cuja beleza permaneceria incompleta a não ser que alguém estivesse presente para celebrá-la, assim como os grandes feitos realizados em seu interior permaneceriam carentes de significado sem a presença de sábios poetas para revelá-lo (Snell, 1953, p. 77)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Sobre o fragmento recuperado do poema de Píndaro, cf. SNELL, B. *The discovery of the mind: the Greek origins of European thought*. New York: Harper & Row, 1953, pp. 76-77. Ver também: PÍNDARO. *Píndaro: epinícios e fragmentos*. Trad. Roosevelt Araújo Rocha. Curitiba: Kotter, 2018, p. 357.

<sup>6</sup> Cf. ARENDT, H. *The life of the mind*. New York: Harcourt, 1978, pp. 133-135.

<sup>7</sup> Para melhor compreender este ponto, remeto o leitor ao exemplo apresentado pela própria Arendt em *A vida do espírito*: “This concept of the bard comes right out of Homer. The crucial

Nos versos dos poetas e no canto dos bardos a beleza do mundo se veria, assim, reconhecida e, ao mesmo tempo, os homens veriam revelado o significado de seus feitos, até então, é importante observarmos, inteiramente oculto mesmo para eles. Um significado – “invisível no visível” (Arendt, 1978, p. 133) – que permaneceria, portanto, assim, caso não houvesse um “espectador”, alguém que, exatamente por sua posição externa ao âmbito dos assuntos humanos, se mostrasse capaz de ver, admirar e colocar em palavras aquilo que, embora tenha aparecido em ato, não pode ser visto, apreendido, tampouco traduzido por aqueles que agem e que padecem no momento em que o fazem. Nos termos precisos de nossa autora:

(...) o significado daquilo que realmente acontece e aparece enquanto está acontecendo só é revelado quando desaparece; a recordação, por meio da qual se torna presente no espírito o que de fato está ausente e pertence ao passado, revela o significado na forma de uma história. O homem que faz a revelação não está envolvido com as aparências; ele é cego, protegido contra o visível para ser capaz de ‘ver’ o invisível. E o que ele vê com os olhos cegos e põe em palavras é a história, não é nem o próprio ato, nem o agente, embora a fama do agente venha a atingir grandes alturas (Arendt, 1978, p. 133).

O significado de uma ação, de um evento ou acontecimento, é revelado, desse modo, por alguém que não está diretamente envolvido com as aparências, que se encontra a uma certa distância do que acontece no espaço onde os homens de ação travam suas lutas, seus embates. Um “espectador” que é capaz de fazê-lo, é capaz de tornar manifesto esse significado, ao colocar em palavras, a partir da recordação do ocorrido, aquilo que vira – “com os olhos cegos” –, “na forma de uma história”. E a razão para isso – para esta espécie de caminho a ser percorrido para que se possa aceder ao significado dos feitos humanos – reside, é importante destacar, na “natureza” da própria ação, cuja “produtividade” específica consiste precisamente em sua tremenda capacidade para estabelecer relações” (Arendt, 1958, p. 191).

---

verses occur when Odysseus has come to the court of the Phaeacians and, at the king's order, is entertained by the bard, who sings some story of Odysseus' own life, his quarrel with Achilles: Odysseus, listening, covers his face and weeps, though he has never wept before, and certainly not when what he is now hearing actually happened. Only when he hears the story does he become fully aware of its meaning” (Arendt, 1978, p. 132).

Como Arendt nos diz, em “A condição humana”, a ação se realiza *entre* os homens, em um meio que se assemelha, portanto, a uma “trama”, ou, para utilizar a metáfora de que se vale nossa autora, a uma “‘teia’ de relações humanas” (Arendt, 1958, pp. 182-183). Isso implica que cada ação iniciada insere-se “em uma teia já existente, onde suas consequências podem ser sentidas” (Arendt, 1958, p. 184), embora não possam ser previstas, e implica, ainda, por conseguinte, que a ação “quase nunca atinge seu objetivo” (Arendt, 1958, p. 184); é, afinal, absolutamente irreduzível às intenções daqueles que a realizam. Ao mesmo tempo, justamente por se desenrolar nessa “teia de relações”, trata-se de uma atividade que “‘produz’ estórias [stories], intencionalmente ou não, com a mesma naturalidade com que a fabricação produz coisas tangíveis” (Arendt, 1958, p. 184). Estórias que, ao serem narradas, lançam luz sobre os feitos e as palavras que as originaram e permitem que se alcance uma compreensão acerca daquilo que aconteceu. Permitem que o sentido deste evento – o qual, aliás, segundo Arendt, apenas existe como tal quando é recordado, quando ocorre “no espaço da memória” (Arendt, 2018, p. 474) – torne-se, enfim, manifesto.

Como se pode perceber, é na memória que cada acontecimento desenvolve sua efetividade e permite extrair, apreender o seu significado. Também na memória a ação, esta que é, na perspectiva arendtiana, como sabemos, a atividade política por excelência (Arendt, 1958, p. 9), e é, igualmente, por natureza, fútil, fugaz, efêmera, pode encontrar alguma permanência. Lembremos que, precisamente por estas características, por aquilo que tem de mais específico – o fato mesmo de que é a “única atividade que ocorre entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria” (Arendt, 1958, p. 7) –, a ação não deixa atrás de si nenhum rastro, nenhum vestígio, a não ser, é claro, as estórias que dela resultam e que requerem serem contadas, narradas, para apenas então conferirem sentido àquilo que aconteceu *entre* os homens. Sem alguém capaz de fazê-lo, os feitos e as palavras que se encontram em sua origem permaneceriam, contudo, fúteis, desprovidos, inclusive, em certo sentido, de realidade.

Não sem razão Homero e outros “de seu ofício” teriam se mostrado tão fundamentais para que aqueles que deixavam seus lares para tomarem parte em um grande empreendimento bélico – buscando assim alcançar “um renome imorredouro” (Homero, “Ilíada”, IX, 413) – pudessem, de fato, tornar imortais os seus feitos. Incapazes, por meio da própria ação, de preservá-los, estes homens de ação dependiam, portanto, do auxílio daqueles capazes de, “com palavras e música”, narrar os acontecimentos na forma de uma estória para conferirem durabilidade e permanência aos feitos realizados e aos discursos proferidos, fazendo-os perdurar na lembrança, na recordação. Auxílio que se mostra ainda mais significativo e valioso se considerarmos que, como Arendt observa em uma outra passagem de seu diário, escrita em julho de 1953, “(...) os próprios feitos passam como fumaça; não encontram outro lugar na terra que não a recordação dos homens [...]” (Arendt, 2018, p. 388)<sup>8</sup>.

Ao narrarem os acontecimentos, ao convertê-los em linguagem<sup>9</sup>, os poetas tornariam, assim, visível o seu significado, ao mesmo tempo em que confeririam a eles a capacidade de durarem tempo suficiente para se tornarem parte do mundo, preservando-os, salvando-os, desse modo, do desaparecimento ou do esquecimento. O que fazem, como Arendt também faz questão de dizer, “traduzindo *práksis* e *léksis*, ação e fala, neste tipo de *poíesis* ou fabricação que eventualmente se torna a palavra escrita” (ARENDR, 2006a, p. 44). “Tradução” que permite dotar a própria memória – também ameaçada, em última instância, de esquecimento, pois que pode desaparecer do mundo juntamente com aqueles que a guardam – da tangibilidade de que tanto precisa para não se perder, para não perecer, para ser, de fato, durável,

---

<sup>8</sup> Remetemos ainda o leitor, neste ponto, ao que nossa autora afirmaria, posteriormente, em seu ensaio sobre o conceito de História: “Human deeds, unless they are remembered, are the most futile and perishable things on earth; they hardly outlast the activity itself and certainly by themselves can never aspire to that permanence which even ordinary use-objects possess when they outlast their maker’s life, not to mention works of art, which speak to us over the centuries” (Arendt, 2006a, p. 84).

<sup>9</sup> O que se mostra, é válido destacar, absolutamente crucial, pois que, como escrevera Arendt em julho de 1951, ainda que um dos principais traços distintivos dos homens – em relação aos outros seres – resida justamente em sua capacidade de assegurar àquilo que acontece, que aparece e que perece ao longo de sua vida uma permanência na memória, esta “no pasaría de ser meramente imaginaria sin el language, que puede realizar el recuerdo de lo desaparecido” (Arendt, 2018, p. 102).

permanente, e quem sabe até, eterna. Lembremos que, como esclarecera nossa autora:

As obras de arte são coisas-pensamento, mas nem por isso deixam de ser coisas. O processo do pensamento não é capaz de produzir e fabricar por si próprio coisas tangíveis, como livros, pinturas, esculturas ou composições, da mesma forma como o uso é incapaz de produzir e fabricar por si próprio casas e móveis. Naturalmente, a reificação que ocorre quando se escreve algo, quando se pinta uma imagem ou se modela uma figura ou se compõe uma melodia, tem a ver com o pensamento que a precede; mas o que realmente transforma o pensamento em realidade e fabrica as coisas do pensamento é a mesma manufatura [*workmanship*] que, com a ajuda do instrumento primordial que são as mãos humanas, constrói as coisas duráveis do artifício humano (Arendt, 1958, pp. 168-169).

Neste contexto, é válido dizer, Arendt não deixa de observar que a poesia, que tem justamente a linguagem como seu material, talvez seja, de fato, “a mais humana e a menos mundana das artes, aquela cujo produto final permanece mais próximo do pensamento que o inspirou” (Arendt, 1958, p. 169), marcada, inclusive, por uma grande proximidade com a lembrança viva, na qual, por meio do ritmo, o poema pode se fixar com alguma facilidade, retendo, potencialmente, sua durabilidade ou permanência para além – ou mesmo fora – da palavra escrita<sup>10</sup>. Todavia, ainda que a poesia se destaque, entre as obras de arte, como aquela em que o caráter de “coisa” teria, em certo sentido, uma proeminência menor, não podemos perder de vista, como alerta nossa autora, que mesmo um poema que existiu na lembrança dos bardos e daqueles que o escutaram, será, em algum momento, “feito”, isto é, “escrito e transformado em uma coisa tangível entre as coisas, pois a recordação e o dom da lembrança, dos quais provém todo desejo de imperecibilidade, necessitam de coisas que os façam rememorar, para que eles próprios não venham a perecer” (Arendt, 1958, p. 170).

---

<sup>10</sup> Nos termos precisos de Arendt: “The durability of a poem is produced through condensation, so that it is as though language spoken in utmost density and concentration were poetic in itself. Here, remembrance, Mnēmosynē, the mother of the muses, is directly transformed into memory, and the poet’s means to achieve the transformation is rhythm, through which the poem becomes fixed in the recollection almost by itself” (Arendt, 1958, p. 169).

Precisamente essa tangibilidade, o caráter de “coisa” que é também, portanto, em última instância, próprio aos poemas, permitiria que os produtos da ação e, em alguma medida, o próprio passado, o espaço-tempo no qual ela se realizou, pudessem, ao serem cristalizados, por assim dizer, em seus versos, sobreviver, e, mais que isso, permanecer; “ficarem no mundo por mais tempo do que tudo o mais” (Arendt, 2006a, p. 206). Não podemos nos esquecer, afinal, que as obras de arte não são, como Arendt nos diz, “fabricadas para homens, mas antes para o mundo que está destinado a sobreviver ao tempo de vida dos mortais, ao ir e vir das gerações” (Arendt, 2006a, p. 206).

Nesta perspectiva, talvez seja possível dizer que nos versos dos poemas – entendidos como essa espécie de “coisa-pensamento” (Arendt, 1958, p. 168), capaz, como tal, de se constituir como “memória eterna”, de perdurar e ser transmitida por gerações – as ações e os discursos dos homens, os eventos que marcaram sua existência e que, de alguma maneira, modificaram o mundo, se “sedimentariam” e encontrariam, assim, a permanência e a durabilidade que jamais teriam em si e por si mesmos. Versos – ou “sedimentos” – que ao serem lidos, recitados, recordados tornariam, de algum modo, presente aquilo que já não existe mais, que pertence a um passado que apenas pode ser acessado, “visto” ou “ouvido”, “no espaço da memória” (Arendt, 2018, p. 474). Espaço guardado, preservado pelos poetas, como nos dissera Arendt. Espaço no qual o mundo, com as feições próprias a este em cada época específica, poderia, mais uma vez, se erigir, se tornar novamente visível, dando a ver, inclusive, o significado daquilo que no momento em que acontecera parecia ter apenas a forma do puro caos. Lembremos que, como assinalara nossa autora no ensaio que escrevera sobre Isak Dinesen: “A estória revela o sentido daquilo que, do contrário, permaneceria como uma sequência intolerável de puros acontecimentos” (Arendt, 2008b, p. 115).

## A voz do poeta

Em um curso sobre a relação entre filosofia e política<sup>11</sup>, ministrado na New School for Social Research, em 1969, Arendt fizera a seguinte afirmação a seus alunos: “Encontramos em Virgílio todos os elementos importantes da política romana” (Arendt, 1969, p. 024448). Nos versos do poeta em “Eneida” – em “seu grande poema [...] sobre as andanças de Eneas que levaram à fundação de Roma” (Arendt, 1978, p. 204) – ela acreditava ser possível encontrar, assim, vestígios e rastros capazes de permitir, de algum modo, recompor, tornar novamente visível, em seus aspectos mais próprios, a experiência do “povo político *par excellence*” (Arendt, 1969, p. 024448). Uma experiência que – à exemplo do que se dera com aquela própria ao “mundo homérico grego, anterior à *polis*, com seu sentido da grandeza dos feitos e empreendimentos humanos” (Arendt, 2016, p. 90) – não teria, segundo a autora, encontrado abrigo no pensamento político tradicional, marcado, em parte, pela tendência de excluir ou insular “todas as experiências políticas que não se encaixassem em sua moldura” (Arendt, 2016, p. 93). Neste contexto, considerando essa espécie de desabrigo ou exclusão, talvez seja possível dizer que, na perspectiva arendtiana, Virgílio, ao incorporar, por assim dizer, em suas palavras e versos aquilo que fizera dos romanos “talvez o povo mais político que conhecemos” (Arendt, 1958, p. 7), teria, assim como fizera Homero antes dele, preservado algo desta experiência, do próprio mundo que os romanos criaram, estabeleceram, a partir de suas relações, da ação e do discurso, conferindo-lhe, em alguma medida, a permanência que, como sabemos, este mundo jamais teria por si mesmo, impedindo-o de desaparecer completamente, de ser lançado no abismo do esquecimento em virtude da perecibilidade própria a tudo aquilo que acontece, que se realiza e que se “constrói” *entre* homens mortais.

Para darmos um passo adiante e compreendermos melhor a importância do gesto de Virgílio – e dos poetas de maneira geral – ao revestir com palavras,

---

<sup>11</sup> ARENDT, H. *Hannah Arendt Papers*: “Philosophy and politics: what is political philosophy?”. New York: New School for Social Research, 1969. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/mss1105600971/>>.

se assim pudermos dizer, uma experiência, ou ainda, um mundo, parece-me válido remeter o leitor ao que nossa autora assinalara, referindo-se a Heródoto, em seu ensaio sobre o conceito de história, mencionado anteriormente:

Heródoto desejava 'dizer o que é' (*légein tà eónta*), porque dizer e escrever estabiliza o fútil e o perecível, 'fabrica uma memória' para ele, na expressão grega: *mnémen poiêsthai*; no entanto, jamais teria duvidado que cada coisa que é ou que foi carrega seu significado dentro de si mesma, necessitando apenas da palavra para torná-lo manifesto (*lógois deloún*, 'revelar [to disclose] através das palavras'), para 'exibir os grandes feitos em público' [...] <sup>12</sup> (Arendt, 2006a, p. 64).

Dizer e escrever estabiliza, portanto, o fútil e o perecível, tornando visível, neste mesmo movimento, como vimos anteriormente, o significado inerente aos acontecimentos e às experiências que moldaram, de algum modo, o mundo que os homens têm em comum, a própria comunidade instituída por estes a partir de sua ação conjunta. O que significaria, se nos voltarmos agora, finalmente, para a figura do poeta, mais do que para a sua obra – tendo em vista, sobretudo, a função que ele potencialmente desempenharia em uma tal comunidade –, que este, ao converter em palavras, ou ainda, mais especificamente, ao transformar em linguagem, em alguma medida, o próprio mundo tal como este se apresentaria, em uma determinada época, em um espaço específico, o cristalizaria, o sedimentaria em uma espécie de “lugar” no qual a experiência dos homens, assim como o sentido desta<sup>13</sup>, poderiam estar a salvo do esquecimento, da ação do tempo, que, de outro modo, levaria inevitavelmente consigo tudo aquilo que os homens fizeram surgir no espaço que se abre entre eles a partir de sua ação em concerto. Um “lugar” de memória, de preservação, repleto de sentido, que não é senão a própria linguagem, na qual, como Arendt estava convencida, “o passado está contido de modo ineliminável” (Arendt, 2008b, p. 221). Um “lugar” onde este passado e esse

---

<sup>12</sup> É importante lembrar que, como Arendt recorda, no mesmo texto, poetas e historiadores teriam sido colocados por Aristóteles na mesma categoria por terem ambos como tema a práxis. Ambos teriam, ainda, em comum, como já vimos, a tarefa de fazer perdurar na recordação aquilo que se passa diretamente entre mortais; as palavras e os feitos humanos (Arendt, 2006a, p. 44).

<sup>13</sup> O sentido mesmo daquilo que aconteceu e apareceu entre os homens no espaço público e comum onde estes falam e agem juntos, onde, em conjunto, se engajam na preservação e no cuidado com o mundo que compartilham uns com os outros.

mundo comum poderiam ser, em certo sentido, revisitados, rememorados, oferecendo a todos aqueles dispostos a perscrutá-lo o testemunho daquilo que já não existe como algo vivo, mas que, não obstante, sobrevive “em novas formas e contornos cristalizados” (Arendt, 2008b, p. 222).

Neste sentido, creio ser possível dizer que, para Arendt, os poetas poderiam preservar, eternizar, por meio de sua transformação em linguagem, de sua “tradução” em versos de um poema, algo do próprio mundo. Um mundo que, como bem sabemos, pode nos parecer tantas vezes estranho, pouco familiar. Um estranhamento que poderia ser, todavia, em alguma medida, como a autora parece nos indicar, atenuado – ou quem sabe até, em certo sentido, dissipado – pela voz e pelos versos destes “nomeadores” ou “fazedores de linguagem”. Voz e versos capazes de enunciar e de cristalizar – de sedimentar na linguagem – o que se fez e o que aconteceu em um mundo que compartilhamos, que temos em comum, “não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós” (Arendt, 1958, p. 55). Talvez precisamente por isso Arendt tenha feito, em seu ensaio sobre Brecht, em *Homens em tempos sombrios*, a seguinte afirmação:

A voz dos poetas, porém, concerne a todos nós, não apenas aos críticos e especialistas; concerne a nós em nossas vidas privadas e também na medida em que somos cidadãos. Não precisamos tratar de poetas *engagés* para nos sentirmos justificados por falar sobre eles de um ponto de vista político [...] (Arendt, 2008, p. 227).

Ora, o que nossa autora parece deixar suficientemente claro no ensaio em questão, o que parece lhe permitir afirmar na passagem reproduzida acima que a voz dos poetas concerne a todos nós, não apenas como indivíduos, mas também como cidadãos, é justamente a sua convicção, por assim dizer, de que esta voz, longe de ser um tipo de voz de si mesmo, é, como ela observara ao final de sua reflexão, uma voz do mundo e de tudo o que é real (Arendt, 2008b, p. 268). Voz que, no entanto, pode se apresentar como tal não a despeito de ser enunciada a partir de um lugar ou de uma posição exterior ao âmbito político,

às relações de poder, mas, ao contrário, uma voz que precisamente por isso, por esta distância, pode se apresentar como uma voz do mundo, uma voz que tem algo a nos dizer sobre ele, sobre o que nele se fez e aconteceu, oferecendo-nos, assim, uma espécie de bússola capaz de, em alguma medida, nos orientar, abrindo caminho para que possamos, quem sabe, finalmente reconhecê-lo como a nossa casa.

A distância, a posição externa ao espaço público-político onde os homens de ação travam suas lutas emerge, portanto, neste quadro, como um fator crucial, como aquilo sem o que a voz do poeta se veria despida de seu próprio potencial, da possibilidade mesma de enunciar, e assim salvar do esquecimento, algo do mundo comum que tem diante de si. Uma distância e uma exterioridade que poderiam ser compreendidas como uma espécie de limite que não pode ser ultrapassado, sob pena de ver se perder o próprio “dom” concedido a estes homens aos quais fora confiada a tarefa de cunhar e de encontrar as palavras com que vivemos. Nos termos precisos de Arendt, referindo-se à mudança na poesia de Brecht nos últimos anos de sua vida – quando a distância poética que havia conseguido manter em relação à política comunista se encurtou progressivamente até desaparecer, como permitiriam perceber suas odes a Stálin<sup>14</sup>:

Este é o único sinal objetivo, e portanto inquestionável que temos de que ele transgrediu os limites até amplos impostos aos poetas, de que cruzou a linha que demarcava o que lhe era permitido. Pois esses limites, ai!, não podem ser detectados do exterior, e dificilmente mal podem ser adivinhados. São como cumes indistintos, quase invisíveis a olho nu e, uma vez atravessados – ou nem mesmo realmente atravessados, mas apenas ao se deparar com eles –, subitamente se transformam em muralhas. Não há volta; o que quer que se faça, tem-se sempre a muralha às costas. E mesmo agora, *après coup*, é difícil definir a causa, nossa única evidência de que o passo foi dado é fornecida pela poesia, e tudo o que nos diz é o momento em que isso ocorreu, em que a punição o alcançou. Pois a única punição significativa que pode sofrer um poeta, afora a morte, é evidentemente a perda súbita daquilo que, ao longo de toda a história humana, apareceu como um dom divino (Arendt, 2008a, pp. 231-232).

---

<sup>14</sup> Como Arendt observara no mesmo ensaio: “suas odes a Stálin, aquele grande pai e assassino de povos, soam como se tivessem sido fabricadas pelo imitador menos talentoso que Brecht jamais teve. O pior que pode acontecer a um poeta é deixar de ser poeta, e foi o que aconteceu a Brecht nos últimos anos de sua vida” (Arendt, 2008b, p. 229).

Sua própria obra, sua poesia, desvelaria, assim, o momento em que ultrapassara o limite imposto aos poetas, em que trocara – quer estivesse consciente disso ou não – a sua voz enquanto poeta para se colocar no centro da realidade, no âmbito no qual as ações e discursos dos homens a tecem, “produzem” as estórias que, como já vimos, só podem ser “vistas” e colocadas em palavras por um “espectador”, por alguém que se encontra a uma certa distância do âmbito dos assuntos humanos. Alguém que deve ser, em certo sentido, como nos dissera Arendt, “cego, protegido contra o visível para ser capaz de ‘ver’ o invisível” (Arendt, 1978, p. 133); de “ver” a própria história, que se realiza, que acontece em ato, mas que apenas pode ter o seu sentido revelado, tornado visível, ao ser recordada e narrada, ao ser, finalmente, convertida em linguagem. Talvez por isso, no momento mesmo em que tentou “ser mais que uma voz” (Arendt, 2008b, p. 268), no momento em que perdera não a coragem, mas o distanciamento em relação ao real, Brecht perdera, na interpretação arendtiana, a capacidade de “ver com os olhos cegos”, e, com ela, a sua voz como poeta: “Agora a realidade o esmagava a ponto de não mais conseguir ser sua voz; conseguiu se manter no centro dela – e provou que não é um bom lugar para um poeta” (Arendt, 2008b, p. 269).

Ao ceder à tentação de trocar o seu distanciamento ou a sua exterioridade por “uma vida como a dos outros”<sup>15</sup> (Arendt, 2008b, p. 269) – o que, segundo a autora, teria levado o próprio Brecht à catástrofe –, o poeta pode ver, assim, abafada, silenciada a sua própria voz como uma “voz do mundo”. O centro da realidade, ou, poderíamos dizer também, das lutas e embates nos quais se engajam os atores políticos, não é, afinal, como afirmara nossa autora, “um bom lugar para um poeta”. Justamente o seu distanciamento – esta espécie de “distância poética” (Arendt, 2008b, p. 233) – parece lhe permitir “dizer o indizível” (Arendt, 2008b, p. 247), anunciar a verdade “ao ponto de então se tornar visível”

---

<sup>15</sup> Tentação que, como reconhece Arendt, assediaria, eventualmente, todos os poetas. Em suas palavras: “A relação dos poetas com a realidade é de fato o que Goethe dizia ser: eles não podem arcar com o mesmo peso de responsabilidade dos mortais comuns; precisam de uma dose de distanciamento e no entanto não mereceriam o pão que comem se nunca fossem tentados a trocar esse distanciamento por uma vida como a dos outros” (Arendt, 2008b, p. 269).

(Arendt, 2008b, p. 262), e assim, talvez seja possível inferir, desempenhar um papel relevante, valioso na cidade, no espaço-tempo onde se desenrolam os feitos e sofrimentos dos homens, os conflitos e os eventos que marcam e que continuamente modificam a sua vida em comum.

## **Conclusão**

Em “A condição humana”, ao apresentar ao seu leitor os traços próprios ao domínio público, ou ainda, como ela então denominara, ao “comum”, Arendt aponta para a relação estreita entre este, entre a sua existência mesma, e a permanência. Como ela nos diz:

Só a existência de um domínio público e a subsequente transformação do mundo em uma comunidade de coisas que reúne os homens e estabelece uma relação entre eles dependem inteiramente da permanência. Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos, mas tem de transcender a duração da vida de homens mortais (Arendt, 1958, p. 55).

Segundo a autora, sem essa permanência, ou ainda, sem “essa transcendência em uma potencial imortalidade terrena” (Arendt, 1958, p. 55), nem a política, nem a existência de um mundo, de fato, comum seriam possíveis. Precisamente por essa razão, como Arendt nos diz, no mesmo livro, os gregos teriam fundado a *polis*, a cidade, que emergira não apenas como a possibilidade de “fazer do extraordinário uma ocorrência ordinária” (Arendt, 1958, p. 197), mas, ao mesmo tempo, como uma espécie de “remédio” para a futilidade e a fragilidade próprias à ação e ao discurso (Arendt, 1958, p. 197). Para isso, para que se mostrasse, de fato, capaz de fazê-lo, era preciso, contudo, que esta cidade fosse dotada de uma permanência que lhe permitisse, afinal, sobreviver às atividades e à própria “efetividade do movimento que lhe deu origem” (Arendt, 1958, p. 199). Era preciso que ela se constituísse, simultaneamente, como o lugar da ação e como o lugar da memória, da potencial conservação daquilo que os homens faziam surgir no mundo que

tinham em comum por meio da ação e do discurso. Feitos, palavras e eventos que os poetas, posicionados à uma certa distância do espaço onde se travam as lutas políticas – uma distância que não se confunde, todavia, com abismo, dado que ainda lhes é possível “vê-las”, acompanhá-las –, seriam capazes de converter em linguagem, tornando manifesto, como vimos, o seu significado e preservando, ao mesmo tempo, as experiências que conferiram a este mundo, nos diferentes momentos históricos, a sua fisionomia.

O poeta se mostraria, assim, justamente por sua posição, fora das relações de poder, capaz de narrar, de colocar em palavras – “as palavras com que vivemos” –, de converter em versos, a cidade, fazendo-a “perdurar na recordação”, e dando-nos, ao fazê-lo, a oportunidade de compreendê-la, de nos situarmos e nos orientarmos no próprio mundo que compartilhamos com nossos semelhantes. Na voz e nos versos dos poetas, destes fazedores de linguagem, não é senão, como se pode perceber, o mundo que pode se conservar, alcançar, em alguma medida, a permanência de que nós, seres inegavelmente finitos e irremediavelmente mortais, tanto necessitamos. Conservação que fora convertida por Emerson, em seu ensaio “O poeta”, em palavras certamente muito mais belas e precisas, citadas pela própria Arendt, em 1969, ao receber da Academia Americana de Artes e Ciências a medalha que levava o nome do autor:

O poeta cria todas as palavras; por isso a linguagem é o arquivo da história e, a bem dizer, uma espécie de túmulo das musas. Apesar de a origem da maioria das nossas palavras estar esquecida, cada uma delas foi, a princípio, um achado e entrou em uso porque naquele momento simbolizava o mundo para o primeiro falante e para o primeiro ouvinte. Constata o etimologista que a mais morta das palavras foi um dia uma figura brilhante. A linguagem é poesia fósil (Emerson, 1950, p. 329)<sup>16</sup>.

Caberia, enfim, a estes criadores de palavras, a estes guardiões da memória, a árdua e valiosa tarefa de, por meio de seus versos, de sua poesia fósil, preservarem o mundo comum. Preservação sem a qual nenhuma comunidade política poderia se conservar, nenhum tipo de vida política digna

---

<sup>16</sup> Citado por Arendt em: ARENDT, H. *Pensar sem corrimão*, p. 455.

de ser assim designada seria possível. O que indicaria que, para Arendt, se o poeta – enquanto ocupa esta posição específica – não se confunde com o ator político, tanto quanto seus versos não podem ser compreendidos como o resultado direto e necessário das ações deste, isto não significa que a sua “tarefa” seja, do ponto de vista político, irrelevante. Ao contrário, o poeta parece emergir, nos escritos arendtianos, como uma espécie de agente de conservação, como alguém a quem é confiada a preservação do próprio mundo. E se esta está longe de ser uma conclusão definitiva, dado que o que tentei fazer aqui foi apenas apresentar as linhas iniciais de uma investigação ainda a ser aprofundada, amadurecida, creio ser possível, a partir das pistas e indicações que a autora nos oferece, avistar, ou melhor, ouvir ressoar, na cidade, tal como Arendt parece tê-la concebido, a voz do poeta. Uma voz que mantém vivo, em cada verso enunciado, proferido, o mundo comum que nasce da ação conjunta dos homens. O poeta parece se encontrar, afinal, na cidade, assim como esta tantas vezes, como sugere o recurso reiterado de nossa autora aos seus versos, se encontra retratada, sedimentada em suas palavras.

### Referências bibliográficas

- ARENDDT, H. *Between past and future*. New York: Penguin, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930-54*. Org. Jerome Kohn. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Diário filosófico, 1950-1973*. Trad. Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *The human condition*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- \_\_\_\_\_. *On revolution*. New York: Penguin Books, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *Origins of totalitarianism*. New York: Harcourt, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Pensar sem corrimão: 1953-1975*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- \_\_\_\_\_. *A promessa da política*. 6. ed. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2016.
- \_\_\_\_\_. ARENDT, H. Hannah Arendt Papers: “Philosophy and politics: what is

political philosophy?”. New York: New School for Social Research, 1969. Disponível em: <<https://www.loc.gov/item/mss1105600971/>>.

\_\_\_\_\_. Sobre Hannah Arendt. Trad. de Adriano Correia. *Revista Inquietude*, v. 1, n. 2, 2010, pp. 122-163.

\_\_\_\_\_. *Rahel Varnhagen: the life of a jewish woman*. Trad. Richard e Clara Winston. New York e London: Harcourt Brace, 1974.

\_\_\_\_\_. *The life of the mind*. New York: Hartcourt, 1978.

EMERSON, R. W. *The complete essays and other writings of Ralph Waldo Emerson*. New York: The Modern Library of New York, 1950.

GROSHOLZ, E. *Reflections on poetry and the world: walking along the Hudson*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2020.

HOMERO. *Ilíada*, canto IX: 413. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HUMBOLDT, W. F. von. *On language: the diversity of human language-structure and its influence on the mental development of mankind*. Trad. Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

PÍNDARO. *Píndaro: epinícios e fragmentos*. Trad. Roosevelt Araújo Rocha. Curitiba: Kotter, 2018.

SNELL, B. *The discovery of the mind: the Greek origins of European thought*. New York: Harper & Row, 1953.